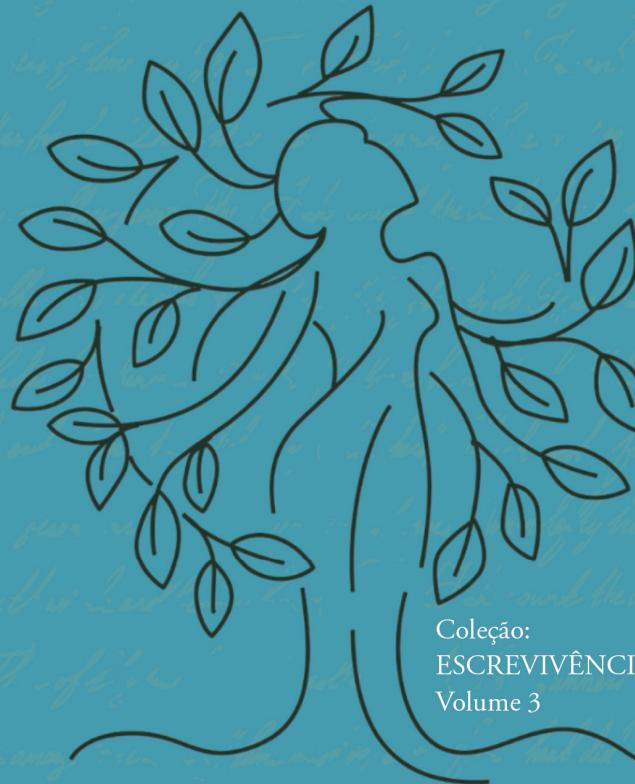


Eduardo dos Santos de Oliveira Braga  
Fernanda Paixão de Souza Gouveia  
Marluce dos Santos  
Ruth dos Santos Baracho de Moura  
Thamires Serpa Gabriel

# EM “OLHOS D’ÁGUA”

## VEJO-ME INSPIRAÇÕES



Coleção:  
ESCREVIVÊNCIAS NA EJA  
Volume 3



EDUARDO DOS SANTOS DE OLIVEIRA BRAGA  
FERNANDA PAIXÃO DE SOUZA GOUVEIA  
MARLUCE DOS SANTOS  
RUTH DOS SANTOS BARACHO DE MOURA  
THAMIRES SERPA GABRIEL

# EM “OLHOS D’ÁGUA”

## VEJO-ME INSPIRAÇÕES

Coleção:  
ESCREVIVÊNCIAS NA EJA

Volume 3

Editora Metrics  
Santo Ângelo – Brasil  
2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

**Revisão:** Os autores

**Capa:** Freepik

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

- 
- E53 Em “Olhos d’água” [recurso eletrônico] : vejo-me inspirações / Eduardo dos Santos de Oliveira Braga ... [et al.]. - Santo Ângelo : Metrics, 2025. 62 p. - (Escrevivências na EJA; 3)

ISBN 978-65-5397-288-9

DOI 10.46550/978-65-5397-288-9

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Rodas de leitura. 3. Evaristo, Conceição, 1946- I. Braga, Eduardo dos Santos de Oliveira

CDU: 374.7

---

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Rua Antunes Ribas, 2045, Centro, Santo Ângelo, CEP 98801-630

E-mail: [editora.metrics@gmail.com](mailto:editora.metrics@gmail.com)

<https://editorametrics.com.br>

## Conselho Editorial

Dr. Charley Teixeira Chaves	PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dra. Cleusa Inês Ziesmann	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Douglas Verbicaro Soares	UFRR, Boa Vista, RR, Brasil
Dr. Eder John Scheid	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Fernando de Oliveira Leão	IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dra. Helena Maria Ferreira	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Henrique A. Rodrigues de Paula Lana	UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Jenerton Arlan Schütz	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dr. Jorge Luis Ordelin Font	CIESS, Cidade do México, México
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dr. Manuel Becerra Ramirez	UNAM, Cidade do México, México
Dr. Marcio Doro	USJT, São Paulo, SP, Brasil
Dr. Marcio Flávio Ruaro	IFPR, Palmas, PR, Brasil
Dr. Marco Antônio Franco do Amaral	IFTM, Ituiutaba, MG, Brasil
Dra. Marta Carolina Gimenez Pereira	UFBA, Salvador, BA, Brasil
Dra. Mércia Cardoso de Souza	ESMEC, Fortaleza, CE, Brasil
Dr. Milton César Gerhardt	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Muriel Figueiredo Franco	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Ramon de Freitas Santos	IFTO, Araguaína, TO, Brasil
Dr. Rafael J. Pérez Miranda	UAM, Cidade do México, México
Dr. Regilson Maciel Borges	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Ricardo Luis dos Santos	IFRS, Vacaria, RS, Brasil
Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
Dra. Vanessa Rocha Ferreira	CESUPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil
Dra. Waldimeiry Corrêa da Silva	ULOYOLA, Sevilha, Espanha

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.



# Sumário

Sobre a Coleção.....	11
Sobre a Logo .....	13
Sobre este livro .....	17
1 Escrevivências a partir de “Olhos D’água” .....	21
2 Dos Contos aos Cordéis .....	33
3 Reforçando o pacto: “a gente combinamos de não morrer”	49
Referências .....	53
Apêndices.....	55
Sobre os autores.....	61



## Sobre a Coleção

**A** coleção “Escrevivências na EJA” é fruto do projeto intitulado de “Diálogos entre as experiências da Educação de Jovens e Adultos no IFRJ e a escrevivência”, uma iniciativa aprovada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), com fomento da própria Instituição e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenada por Fernanda Paixão de Souza Gouveia e Eduardo dos Santos de Oliveira Braga. Inspirados em Conceição Evaristo, renomada escritora e voz proeminente da literatura negro-brasileira de resistência, esta coleção de livros se propõe a ecoar as vozes e tornar visíveis as experiências únicas vivenciadas pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Pretende-se ser uma coleção contínua, com cada volume construído para explorar as histórias pessoais, a criatividade e a resiliência dos trabalhadores estudantes jovens e adultos que estão trilhando o caminho da educação. Com um enfoque especial nas perspectivas africanas e afrodescendentes, aqui reverenciadas pelas trajetórias, especialmente de mulheres negras da EJA, as páginas desses livros se tornam um palco onde as vivências encontram espaço para florescer.

Ao celebrar a rica herança cultural africana e afrodescendente, a Coleção “Escrevivências na EJA” reconhece a importância de honrar as raízes enquanto se busca crescimento e desenvolvimento. As palavras ganham vida nas mãos dos autores destes volumes, trazendo à tona a complexidade das jornadas individuais e coletivas, dos desafios superados e das conquistas alcançadas.

Este projeto, para nós, audacioso e inspirador, nasce do desejo de ampliar horizontes educacionais, estimular a emancipação social através da expressão criativa e, acima de tudo, ecoar as vozes dos sujeitos da EJA. A coleção não apenas homenageia Conceição Evaristo como também segue seus passos, inspirando-se em sua coragem de abordar questões sociais e culturais por meio da literatura.

Em última análise, a coleção “Escrevivências na EJA” é mais do que uma série contínua de livros; é uma jornada de (auto)conhecimento, transformação e celebração da diversidade humana. Ao trazer à luz as histórias muitas vezes esquecidas ou silenciadas, ela se torna um farol de esperança, iluminando o poder da educação e da expressão como recursos de mudança e justiça social.

## Sobre a Logo



# Escrevivência

**A** Logo do projeto de pesquisa, de autoria do designer Renato Paixão, estará presente em toda a coleção “Escrevivências na EJA”, transmitindo uma imagem de grande significado e carregada de simbolismo. A representação de uma árvore, cujo tronco se metamorfoseia em uma mulher enraizada na terra, evoca uma metáfora profunda com múltiplas camadas de significado, fincada em associações culturais e africanas. Além disso, a inclusão das folhas circundando a cabeça da mulher adiciona um grau de complexidade e profundidade à mensagem simbólica como um todo.

A árvore, um símbolo de crescimento, conexão e sustentação, adquire uma nova dimensão ao incorporar a figura da mulher. A mulher enraizada na terra evoca uma relação

intrínseca com as raízes culturais e ancestrais. Ela parece fundida com a própria terra, uma simbiose que sugere uma ligação profunda com a natureza e com as raízes de sua história.

As folhas ao redor da cabeça da mulher adicionam um toque de elevação. Essa imagem lembra coroas de flores usadas em muitas culturas como símbolo de celebração, honra e conexão com o divino. Aqui, as folhas parecem representar não apenas a beleza, mas também a força interior e a sabedoria que emana da mulher enraizada. A relação entre as folhas e a cabeça também pode aludir à noção de ideias florescendo e conhecimento expandindo, redescobrimento de suas próprias raízes que se emanam em raízes outras.

No conjunto, a Logo capta a essência da jornada contada no livro. Ela fala da ligação profunda entre as vivências das mulheres negras da EJA e suas raízes culturais, enquanto também celebra sua força, resiliência e crescimento pessoal. Além disso, a imagem evoca uma atmosfera de unidade entre a natureza, a ancestralidade e a expressão humana. A Logo, como um todo, cria uma imagem visual poderosa que instiga reflexões sobre identidade, conexão e o poder da educação e da expressão para nos enriquecer e nos elevar.

Essa análise oferece uma possível interpretação da Logo, entretanto, a essência reside na capacidade de permitir que uma miríade de significados possa emergir por meio do olhar, das vivências e das experiências únicas de cada leitora e cada leitor. Cada indivíduo, com sua bagagem pessoal e perspectiva cultural, é convidado a explorar e extrair novas camadas de sentido, transformando a imagem em um espelho multifacetado das suas próprias jornadas e compreensões.

Nesse sentido, gostaríamos de expressar o nosso agradecimento ao querido Renato Paixão, que não apenas captou

de maneira magistral a essência do nosso projeto, mas também deu vida a essa Logo de forma tão eloquente. Sua interpretação sensível e habilidosa trouxe à luz as intenções e valores que fundamentam nossas narrativas, e por isso, sua contribuição é digna de reconhecimento. Agradecemos a todos aqueles que se envolveram e colaboraram para que esse símbolo carregado de significado se tornasse uma realidade palpável, convidando à reflexão, à conexão e ao diálogo.



## Sobre este livro

Nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde as histórias se entrelaçam com a busca por conhecimento e emancipação, emerge o terceiro livro da coleção “Escrevivências na EJA” – “Em ‘Olhos D’água’, Vejo-me: Inspirações”. Este não é apenas um livro, é um mergulho na obra de Conceição Evaristo, notadamente no livro “Olhos D’água”. Mais do que uma análise literária, este projeto visa a vivência, a experiência e o diálogo com as narrativas que ecoam na vida das estudantes bolsistas da EJA.

Ao desdobrar suas páginas, encontramos três capítulos que exploram as múltiplas dimensões das conexões entre o universo literário e as trajetórias pessoais. O primeiro capítulo, “Escrevivências a partir de ‘Olhos D’água’”, traz as vozes dos autores deste livro, mostrando o nosso olhar para a obra “Olhos D’água”. Aqui, as palavras de Conceição Evaristo não são apenas lidas; são vividas, discutidas e reinterpretadas, proporcionando um espaço onde as histórias individuais se encontram e se entrelaçam. Ainda neste capítulo, com *olhos d’água*, revelamos o resultado do convite para que cada estudante bolsista da EJA e uma licencianda que futuramente pode atuar na EJA, autoras deste livro, olhe para si, a partir das provocações realizadas pela leitura da obra aqui reverenciada. Nessa seção, as histórias de Evaristo se transformam em um espelho no qual as participantes refletem suas próprias trajetórias. Não é apenas uma análise comparativa, mas uma imersão em suas próprias narrativas, resultando em um exercício de autoconhecimento e autoafirmação que vai além das páginas do livro.

No segundo capítulo, “Dos Contos aos Cordéis”, os contos de *Olhos d’Água* de Conceição Evaristo são adaptados ao formato de cordel, trazendo à tona temas como violência, maternidade, resistência e exclusão social de maneira acessível e envolvente. Essa transposição valoriza a cultura popular e facilita o diálogo entre literatura e os estudantes da EJA. Além disso, o capítulo inclui fichas educativas que incentivam reflexões e atividades criativas, conectando as experiências dos estudantes com os temas abordados, promovendo protagonismo e transformação por meio da educação.

Finalmente, no terceiro capítulo, “Reforçando o pacto: ‘a gente combinamos de não morrer’”, reiteramos o compromisso do projeto. Não é apenas um livro; é um pacto de ecoar vozes e atribuir visibilidade às experiências das mulheres, negras e estudantes da EJA. As diferentes vozes presentes nesta coleção ecoam não apenas como palavras impressas, mas como um compromisso vivo de respeitar, celebrar e reverberar as histórias que muitas vezes são silenciadas.

Antes de fechar este terceiro livro da coleção “Escrevivências na EJA”, somos agraciados com três cartas nos apêndices, escritas com carinho e profundidade pelas estudantes bolsistas do projeto. Duas delas são dedicadas à escritora Conceição Evaristo, como um tributo à sua obra inspiradora e à força das suas palavras, que ressoam em cada página deste livro. A terceira carta é direcionada à EJA na Educação Profissional e Tecnológica (EJA EPT), expressando um agradecimento e uma reflexão sobre o papel transformador dessa modalidade de ensino.

Assim, antes de encerrar as páginas deste livro, encontramos não só um espelho para as trajetórias e lutas das autoras, mas

também um espaço de diálogo e gratidão, reafirmando o compromisso com as histórias que se entrelaçam e resistem. “Em ‘Olhos D’água’, Vejo-me: Inspirações” é, portanto, uma celebração da diversidade, uma jornada de autodescoberta e uma promessa de preservar e valorizar as vozes que ecoam nas páginas deste livro e além. É um convite para a comunidade da EJA se (re)conhecer, se (re)afirmar e se inspirar na riqueza das narrativas que permeiam este projeto.



# 1 Escrevivências a partir de “Olhos D’água”

Neste capítulo, adentramos um universo de experiências e reflexões, onde as palavras de Conceição Evaristo ecoam nas vivências das estudantes bolsistas do projeto. Aqui, as páginas de “Olhos D’água” não são meramente lidas, mas tornam-se o ponto de partida para um diálogo transformador. Ao compartilhar suas vozes, as estudantes convertem a leitura em um ato coletivo de escrevivências, um processo dinâmico que transcende as fronteiras do papel.

Este capítulo é um convite para explorarmos as narrativas entrelaçadas nas histórias de Evaristo, através das experiências únicas de suas participantes. Nas reuniões de pesquisa, essas mulheres negras não apenas absorveram as palavras da autora, mas as reinterpretaram, fazendo dessas histórias um espelho de suas próprias trajetórias.

Ao longo dessas páginas, tecemos as escrevivências dessas estudantes, dando vida às suas narrativas e reflexões inspiradas nos encontros de pesquisa. As estudantes bolsistas, ao compartilharem suas experiências, não apenas se conectam com a obra de Evaristo, mas também se tornam autoras de novas narrativas que refletem a complexidade de suas próprias vidas. Portanto, ao explorar este capítulo, os leitores são convidados a testemunhar o poder transformador da literatura como catalisadora de escrevivências. A cada página, as estudantes revelam como compreenderam as histórias de Evaristo e como elas se entrelaçam com suas próprias vivências, desafiando estereótipos, dando voz às suas identidades

e fortalecendo o sentido de pertencimento. Assim, este capítulo é uma celebração das multiplicidades de vozes que ecoam nos encontros de pesquisa, um testemunho do impacto pessoal e coletivo proporcionado pela literatura de Conceição Evaristo.

### 1.1 O nosso olhar para “Olhos D’água”

Ao abrir as páginas de *Olhos D’Água*, de Conceição Evaristo, somos imediatamente confrontadas por um espelho que reflete nossas próprias histórias, lutas e emoções. Cada conto revela um fragmento de nossas vidas, oferecendo uma perspectiva sobre a realidade que vivemos, repleta de complexidades e nuances. Como mulheres negras, periféricas e estudantes, sobretudo da modalidade EJA, nossa relação com a obra de Evaristo vai além da simples leitura; é uma redescoberta de nós mesmas e de nossas narrativas.

A primeira coisa que salta aos olhos é a representatividade. Ver personagens que se assemelham a nós, que compartilham as mesmas dores e conquistas, cria um espaço de íntima identificação. Através de figuras como Maria, que enfrenta a violência e a opressão, encontramos ecos de nossas próprias vivências. A luta diária de Maria em um mundo que insiste em silenciar mulheres como nós vão ao encontro das batalhas que enfrentamos em nossa comunidade. Nossos olhos se enchem de lágrimas ao lembrar que, assim como ela, muitas de nós já vivemos situações de vulnerabilidade, mas também de resistência.

Em nossa jornada na EJA, seja como estudantes e/ou pesquisadoras, encontramos um caminho que nos possibilita redigir novas histórias. Evaristo, com sua narrativa, nos inspira a reivindicar nosso espaço e a contar nossas próprias narrativas. Ao lermos seus escritos, somos lembradas de que somos mais

do que nossas circunstâncias. Nossas existências são densas, com vivacidade e cheias de dor e cor. Nós somos as protagonistas de nossas histórias.

Além disso, os contos de Evaristo abordam a complexidade das relações interpessoais, especialmente entre mulheres. A conexão que temos entre nós, mulheres negras, é uma força potente. No conto “A gente combinamos de não morrer”, a união entre os personagens serve como um lembrete de que, mesmo em meio ao caos, encontramos apoio e amor nas amizades e nas irmandades. Essa solidariedade nos impulsiona a seguir em frente, a manter viva a chama da resistência.

As narrativas de Evaristo também nos fazem refletir sobre a educação e o papel que ela desempenha em nossas vidas. Cada página lida é uma oportunidade de aprender e de nos reinventar. Através da EJA, buscamos mais do que um diploma; queremos a autonomia que vem do conhecimento, a capacidade de sonhar e a possibilidade de transformar nossas realidades. Ao olharmos para nossas trajetórias, percebemos que a educação é um instrumento para romper os ciclos de pobreza e opressão.

Ao compartilhar nossas vivências e reflexões, percebemos que nossas vozes, muitas vezes silenciadas, têm o poder de ecoar. A escrita, assim como a leitura, se torna um ato de resistência. Escrevemos para reivindicar nosso lugar no mundo, para afirmar que nossas histórias importam. Evaristo nos lembra, com suas palavras, que a dor é parte da nossa jornada, mas não é o único capítulo. A alegria, a luta e a esperança também têm seus espaços.

Neste primeiro capítulo, celebramos o olhar que trazemos para *Olhos D’Água*. É um olhar que se recusa a se calar, que busca entender e, principalmente, que deseja mudar. É uma reflexão que abraça nossas lutas coletivas e individuais, reconhecendo

que cada história contada é um passo em direção à emancipação. Assim como Conceição Evaristo fez ao colocar suas experiências no papel, nós também temos a responsabilidade de narrar nossas vidas e de fortalecer o pacto de não deixar que nossas vozes se apaguem; por isso e para isso, estamos aqui! Marluce presente! Ruth presente! Thamires presente!

*Olhos D’Água* é mais do que um livro, é uma fonte de inspiração e uma convocação à ação. Ao olharmos para nós mesmas, encontramos força e resiliência nas palavras que nos cercam. Que este capítulo sirva como um lembrete para todas as pessoas, sobretudo para todas as mulheres negras de que, juntas, somos mais fortes, e que nossas histórias, tão diferentes e ainda assim tão semelhantes, merecem ser contadas.

## 1.2 Com “Olhos D’água”, olho para mim

Nesta seção, cada autora bolsista deste projeto compartilha relatos pessoais a partir de suas leituras do livro *Olhos d’Água* de Conceição Evaristo. Aqui, as autoras revelam como as histórias ecoaram em suas próprias vidas, explorando sentimentos, memórias e vivências despertadas pelos contos. A leitura de Evaristo não apenas inspira à reflexão, mas também cria um espaço de identificação e transformação, onde cada autora olha para si mesma através dos *olhos d’água* das personagens, tecendo novas narrativas a partir do encontro com essa obra literária.

*Marluce dos Santos presente!*

Como mulher negra, vinda de uma realidade de pobreza, vivi os desafios de ser mãe solteira após o divórcio, enfrentando dificuldades financeiras enquanto criava meu filho, que enfrentava

problemas de saúde. Meu tempo era todo dedicado ao trabalho, em comércios, e a cuidar dele, com visitas constantes ao hospital. Durante muitos anos, estudar era um sonho distante, algo para o qual eu não tinha nem tempo nem condições.

Hoje, ao olhar para o passado, percebo o quanto minha vida mudou. Meu filho está casado, e eu, finalmente, tenho a oportunidade de estudar e realizar coisas que antes pareciam impossíveis. Esse avanço pessoal me traz um sentimento de conquista e esperança, e foi através da leitura de *Olhos d’Água* que também descobri novos horizontes.

Entre os vários contos, o de Maria me impactou de maneira especial. Maria, uma mulher negra e empregada doméstica, vive seu próprio drama quando, ao voltar para casa, presencia um assalto no ônibus em que está. O assaltante, conhecido de Maria no passado, traz à tona memórias e questionamentos profundos. A narrativa não apenas mexeu comigo, mas também me fez refletir sobre minha própria vida, sobre as escolhas e as lutas que enfrentei... e enfrento.

A pergunta que Maria faz — “Será que os meninos vão gostar de melão?” — me toca. Para mim, ela não fala apenas do fruto em si, mas da esperança, da dúvida e do desejo de oferecer algo melhor aos filhos, de proporcionar-lhes aquilo que, muitas vezes, a vida nos nega. Assim como Maria, eu também me perguntava, em meio às dificuldades, se meu filho teria acesso a uma vida melhor, se ele conseguiria superar os obstáculos que a vida nos impôs.

*Ruth Baracho presente!*

Estamos neste mundo escrevendo nossas histórias, e quem de nós não tem a sua, não é mesmo? Existem arquivos de dores que não conseguimos deletar, e nem devemos, pois são as histórias que nos constroem na escola da vida. Assim, abri algumas janelas dessa estrada para compartilhar um pouco da minha jornada.

Vivi a experiência de estar no escuro, pois, por cinco meses, fui acometida por um mal nos nervos dos olhos que me deixou cega. Fui assistida no Instituto Benjamin Constant, e a boa mão de Deus me buscou das trevas para a luz. Pude entender que:

- A escuridão nos deixa vulneráveis, mas há quem veja e não enxergue;
- Há quem, na escuridão, encontre paz;
- Ver o que está à sua frente talvez te assuste, pois no costume do escuro ninguém se impõe além do próprio escuro que se faz presente;
- Ver te isenta, te inocenta;
- A escuridão é vazia, vasta e imensa. Na escuridão, parece até que todos são iguais.

Em outro momento, sofri uma descarga elétrica de 13.000 volts ao levantar um vergalhão que passou muito perto de um fio. Fiquei paralisada! Por alguns minutos, vivi a experiência de quase morte.

Me casei muito jovem e inexperiente, com apenas quinze anos de idade, e me vi sozinha numa luta constante em busca de equilíbrio e paz. Tenho filhos, netos, e, mais recentemente, uma bisneta, que chegou para alegrar o ambiente.

No livro *Olhos d’Água* de Conceição Evaristo, a autora conta a história de Maria, que trazia os restos de comida da casa da patroa e imaginava seus filhos se banqueteando com toda aquela fartura. “Que farra vai ser!”, pensava. Quando, de repente, o passado cruza seu caminho, seu coração bate acelerado ao rever seu antigo amor. Ela vive momentos de dor no desfecho de sua história.

Eu, assim como Maria, trazia da casa da patroa um pouco de dinheiro e muita saudade. Encontrava minhas filhas sempre doentes e, assim como Maria, precisava comprar xarope e outras coisas mais. Por isso, abandonava muitos empregos. As meninas precisavam da mãe.

Ainda existem muitas Marias carregando os restos de comida da casa da patroa para alegrar seus filhos. Ainda existem muitas mães com um nó na garganta, carregando a esperança e o calor da comida quente no estômago vazio. Lágrimas de satisfação pelo dever cumprido. O tilintar da panela já não assusta. Só o apito da panela de pressão cozinhando o sagrado pão nosso de cada dia.

A nova fase da minha vida me trouxe oportunidades e desafios. A escrita tornou-se minha aliada, uma forma de expressão e realização pessoal. Aos sessenta anos, minha vida tomou um novo rumo. No Instituto Federal, na EJA, me encontrei! Essa decisão marcou o início de uma fase renovada e cheia de novas possibilidades. No Instituto, descobri uma paixão inesperada pela escrita e fui incentivada pelos professores, que me deram o acolhimento e suporte necessários. Hoje, sou poetisa, com grande satisfação por já ter publicado alguns livros. Essa experiência me proporcionou uma nova forma de expressão. Ganhei a oportunidade de compartilhar minhas emoções com o mundo nessa jornada de resiliência e transformação.

*Thamires Serpa presente!*

As narrativas de Conceição Evaristo me fizeram refletir sobre a sociedade em que estamos inseridos e o nosso papel dentro dela. Nossas mulheres, principalmente as negras, estão cansadas; seus olhos refletem a dor guardada no peito. É um choro silenciado pelas marcas que a vida lhes deixou. As lágrimas secaram, e seus corpos nem sempre conseguem expressar a dor de serem diminuídas, silenciadas e violentadas no físico e na alma. A pobreza não existe apenas nas favelas; os barracos superlotados mostram a vulnerabilidade daquelas que repensam diariamente como será o dia de amanhã. Pode parecer melancólico, mas essa dor é real. Ver nossas meninas e meninos perdendo suas infâncias precocemente, desfazendo-se de seus contos de fadas e crenças para lidar com a dura realidade da vida é um processo devastador. Foi escolha deles ou delas? A sociedade hipócrita diz que sim, a mesma sociedade que as ensina, desde cedo, a serem donas do lar, prendadas, sensíveis e frágeis. Enquanto isso, nossos meninos devem estar sempre atentos nas ruas, prontos para tudo ou nada, porque, se houver um acidente, a culpa será do “neguinho”, e sabe-se lá como irão reagir. Aliás, nós sabemos bem como!

Não é uma crítica direta, mas não consigo entender como aplicam a teoria de ensinar nossas meninas a serem frágeis, e repentinamente elas têm que lidar com a desigualdade, até perceberem que o problema não é com elas. O caos está instalado em práticas cruéis diárias, fardos pesados de discriminação e preconceito, sem falar dos rapazes que devem ser “machos”. As “águas passadas” realmente movem montanhas, trazendo traumas, gritos e gemidos ensurcedores. Nos contos de Conceição Evaristo, percebi momentos de fragilidade entre a

vida e a morte. A voz da resistência ecoa nesses grupos, em busca de espaços invisíveis, enquanto levantam muros de desigualdade carregados de preconceito, especialmente para as mulheres, que muitas vezes não têm a oportunidade de mostrar suas conquistas sem derramar lágrimas. O privilégio está nas mãos de quem segue pelo “corre” da vida sem passar por esses perrengues.

A dor de ver tantos filhos, frutos do anonimato, como a Mãe Natalina, é uma realidade cruel. Quantas outras histórias semelhantes existem? Como mudar o curso dessas vidas que crescem na luta e na labuta? Elas abraçam tanta desgraça que acabam se acostumando. A parteira-bruxa, que “come” crianças, torna-se a chave que vira a vida daquela moça, empurrando-a para um amadurecimento precoce, abrindo abismos. Tudo o que ela queria era não dever nada a ninguém, ser escritora de sua própria trajetória.

Ao final de sua história, o fruto de um abuso gera uma nova alegria, trazendo sentido à sua vida. Isso contrasta com a trajetória de Ana, cuja vida terminou em uma prisão interna ao se entregar a um amor que achava que preencheria seu vazio. Sem muros ao redor, ela anulou essa prisão, enterrando junto dela a busca por felicidade. Aceitou o que lhe foi empurrado: um amor imprevisível, de migalhas, que lhe dava prazer, mas nunca segurança. Mesmo conhecendo o lado sombrio de Davenga, Ana aceitou cegamente essa paixão, achando ter se encontrado. Era o seu mundo ideal, porque acreditava no padrão imposto de que um homem ao lado traria felicidade. Não me conformo com a ideia de preparar a mulher para servir, enquanto os homens não são preparados para o compromisso.

A visão deturpada sobre o corpo da mulher e a submissão a regras, limites e jogos de interesse a torna vulnerável. A mulher

deve ser “prendada”, submissa, sem muitos questionamentos. Quando é independente demais, assusta os homens e acaba rotulada como “inadequada” para o casamento ou a família. O filho, afinal, é “da mãe”. Não somos meras fontes de reprodução. Filhos não são presentes ou produtos.

Viver para o outro e dar-lhe o poder de decisão sobre o que é melhor para nós é uma ideia que, quando entranhada em nossa mente, faz com que, ao nos colocarmos em primeiro lugar, sintamos culpa. Somos temidas, não apenas pelos homens, mas pela sociedade que admira nossa estética de forma superficial – nossos traços, nossos corpos. Mas eles fogem da realidade. A verdadeira mulher negra tem força indomável, e isso é ignorado ou minimizado.

Muitas vezes, a sociedade tenta nos imitar, mas nossa cor, nossa identidade, e nossa resistência são inigualáveis. Criamos nosso próprio arco-íris em meio ao caos. Mesmo diante da indiferença, seguimos firmes, com sorriso no rosto e dor no peito. Encontrar protagonistas como as de Conceição Evaristo me faz refletir sobre quantas mulheres, diariamente, constroem suas histórias sozinhas, muitas vezes sem apoio, lutando para ser sua própria estrutura.

A leitura me fez pensar: como uma mulher lida com a solidão que vem após uma relação que parecia trazer felicidade, mas só ofereceu submissão? Como ela reconstrói sua vida após a perda, ou após a experiência de ver seus filhos se afastando? Essas mulheres, como Luamanda, são a resistência. Superam traumas diários, chicotes invisíveis, e seguem em frente com a coroa de cabelos volumosos, mesmo que tentem apagá-la com lençós e repressão. Nossa luta não é vã. Parece que nossas ideias incomodam, e isso é algo que não podemos abandonar.

Precisamos de coragem para encarar a solidão, nos olharmos no espelho e ver nossa força.

É fácil ver mães que dão tudo de si e ainda são julgadas. A narrativa de Zaíta é emblemática disso. Quantas mulheres não se encontram na mesma situação? Lutando diariamente pela sobrevivência e temendo a violência que pode destruir o pouco que construíram. Ver quem amamos sofrendo e não poder fazer nada é torturante, mas seguimos tentando, com unhas feitas e cabelos arrumados, mesmo quando o mundo ao redor está em pedaços.

Nem toda pobreza é física. Nas favelas, há uma pobreza de alma, um sofrimento espiritual que não aparece nas estatísticas. A violência cotidiana, os abusos e o racismo sistêmico deixam marcas profundas, que, muitas vezes, são ignoradas pela sociedade. Quantas crianças perderão seus nomes e serão lembradas apenas como números em estatísticas de violência? Até quando seremos a resistência, questionando a indiferença social?

Somos mães, somos mulheres, e nossa luta é contínua. A obra de Conceição Evaristo nos lembra que precisamos olhar para nossas trajetórias e reconhecer nossa força, ressignificando nossas vidas e abrindo espaço para que a próxima geração possa crescer com mais oportunidades e menos fardos. Cada história contada em *Olhos d’Água* é um grito de resistência, de dor e, sobretudo, de esperança.



## 2 Dos Contos aos Cordéis

Neste capítulo, intitulado “Dos Contos aos Cordéis”, ocorre a transformação criativa dos contos presentes no livro *Olhos d’Água* de Conceição Evaristo em cordéis. Cada conto original, impregnado de emoções intensas e realidades sociais complexas, é adaptado ao formato tradicional do cordel, um gênero poético popular no nordeste brasileiro. Através dessa transposição, temas como violência urbana, maternidade, resistência feminina, exclusão social e memórias afetivas ganham uma nova forma, acessível e envolvente, facilitando o diálogo entre literatura e cultura popular.

Além disso, o capítulo inclui fichas de atividades educativas voltadas para estudantes da EJA. Essas fichas propõem reflexões sobre os temas centrais de cada conto e atividades que incentivam a escrita, o desenho e o diálogo, promovendo o protagonismo dos estudantes em sua própria aprendizagem. O processo de recriação literária abre novas possibilidades pedagógicas, aproximando a vivência do público da EJA das histórias contadas, ao mesmo tempo que valoriza a tradição oral e a cultura popular como instrumentos de educação e transformação social.

## 2.1 Conto: Olhos d’Água

### Cordel:

“Olhos que brilham, água a escorrer,  
De uma mãe que nunca deixou de viver,  
Seu rio corre lento, seu pranto a molhar,  
Mas no fundo do peito, sempre a cuidar.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Memórias e relações familiares.
- **Perguntas:**
  1. O que a protagonista descobre sobre sua mãe ao relembrar sua infância?
  2. Qual o papel simbólico das lágrimas no conto?
- **Atividade:** Escreva sobre uma memória que você tem com um familiar importante em sua vida.

## 2.2 Conto: Ana Davenga

### Cordel:

“Ana e Davenga no samba e na dor,  
Na favela viveram seu triste amor.  
Entre o crime e a vida, fizeram a canção,  
Resistir no balanço da velha nação.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Violência urbana e resistência.

- **Perguntas:**

1. Como a violência urbana interfere na vida dos protagonistas?
2. Como o amor e o samba se conectam no conto?

- **Atividade:** Faça uma pesquisa sobre figuras de resistência nas comunidades e escreva um breve relato sobre elas.

## 2.3 Conto: Duzu-Querença

### Cordel:

“Duzu, menina que enfrenta o mundo,  
Com seu olhar forte e coração profundo.  
Pelas ruas e becos, ela vai a sonhar,  
Em meio ao lixo, tenta se encontrar.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Exclusão social e sobrevivência.
- **Perguntas:**
  1. Qual é o impacto do abandono na vida de Duzu?
  2. Como a exclusão social é retratada na história?
- **Atividade:** Pense em uma situação de exclusão social que você já presenciou. Escreva sobre como isso afetou as pessoas envolvidas.

## 2.4 Conto: Maria

### Cordel:

“Maria, mulher de luta e dor,  
No ônibus, encontra o antigo amor.  
O assalto traz lembranças do passado,  
Mas ela segue, firme, coração apertado.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Fé e luta diária.

- **Perguntas:**

1. Qual o significado do melão no conto de Maria?
2. Como ela lida com os desafios do dia a dia?

- **Atividade:** Escreva como Maria dialoga com a sua vida.

## 2.5 Conto: Quantos Filhos Natalina Teve?

### Cordel:

“Quantos filhos Natalina já viu nascer?  
A pergunta é simples, mas faz entender,  
Que a vida é um ciclo, do ventre ao chão,  
Cada filho carrega uma nova lição.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Maternidade e ciclos da vida.
- **Perguntas:**
  1. Como a maternidade é retratada na história de Natalina?
  2. O que o título do conto sugere sobre as escolhas de vida da protagonista?
- **Atividade:** Discuta em grupo como a maternidade e o cuidado aparecem na vida das pessoas ao seu redor.

## 2.6 Conto: Beijo na Face

### Cordel:

“O beijo na face, suave e breve,  
Entrelaça destinos de forma leve.  
Mas no fundo, há tanto a contar,  
Amor e dor, juntos a pesar.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Afeto e despedida.

- **Perguntas:**

1. O que o beijo simboliza para os personagens do conto?
2. Qual o impacto emocional dessa despedida?

- **Atividade:** Desenhe ou escreva sobre um momento de despedida que marcou a sua vida.

## 2.7 Conto: Luamanda

### Cordel:

“Luamanda sonha com o que já perdeu,  
Seu coração busca o que se escondeu.  
Entre risos e lágrimas, segue o caminho,  
Na esperança de achar o seu próprio ninho.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Saudade e busca por identidade.
- **Perguntas:**
  1. Como a saudade afeta Luamanda?
  2. Qual a relação entre a saudade e a busca por identidade no conto?
- **Atividade:** Escreva uma carta para alguém de quem você sente saudades.

## 2.8 Conto: O Cooper de Cida

### Cordel:

“Cida corre na corda da vida,  
Na busca incansável por uma saída.  
Entre o cansaço e a esperança,  
Ela mantém acesa a sua dança.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Luta pela sobrevivência.

- **Perguntas:**

1. O que motiva Cida a continuar lutando, apesar das dificuldades?
2. Como o cooper simboliza a vida de Cida?

- **Atividade:** Discuta como o esporte pode representar uma forma de superação na vida das pessoas.

## 2.9 Conto: Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos

### **Cordel:**

“Zaíta, menina de sorriso quebrado,  
Brincava, mas a bala rasgou seu passado.  
Esqueceu os brinquedos, a infância fugiu,  
Na dor da favela, seu riso sumiu.”

### **Ficha de Atividade:**

- **Tema:** Violência e infância.

- **Perguntas:**

1. Como a violência interrompe a infância de Zaíta?
2. O que os brinquedos representam na vida de Zaíta?

- **Atividade:** Desenhe ou escreva sobre um brinquedo que marcou sua infância.

## 2.10 Conto: Di Lixão

### Cordel:

“Lixão acorda, mais um dia chegou,  
Entre restos e dores, ele caminhou.  
Mas no fundo, a esperança não se perdeu,  
Mesmo no lixo, o sonho não morreu.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Exclusão e dignidade.

- **Perguntas:**

1. Como Di Lixão encara sua vida no lixo?
2. O que significa a esperança para ele?

- **Atividade:** Escreva uma reflexão sobre o que dignidade significa para você, mesmo em situações difíceis.

## 2.11 Conto: Lumbiá

### Cordel:

“Lumbiá corre, perdido e só,  
Vagando no mundo como um fio de pó.  
Mas entre a dor e a luta pra viver,  
Ele ainda tenta, sem se perder.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Solidão e resistência.

- **Perguntas:**

1. O que a solidão representa para Lumbiá?
2. Como ele resiste à sua condição?

- **Atividade:** Recolha histórias em diferentes fontes que mostrem como as pessoas resistem no cotidiano da vida na manutenção de sua sobrevivência.

## 2.12 Conto: Os Amores de Kimbá

### Cordel:

“Kimbá e seus amores, tão fugazes,  
Entre idas e vindas, nas ruas e fases.  
Mas o que busca seu coração errante?  
Talvez um amor, ou algo distante.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Amores e inquietação.

- **Perguntas:**

1. Qual o significado do amor para Kimbá?
2. Por que ele não consegue se apegar a ninguém?

- **Atividade:** Escreva sobre o que o amor significa para você.

## 2.13 Conto: Ei, Ardoca

### Cordel:

“Ei, Ardoca, por que vai partir?  
Deixa saudades, mas precisa seguir.  
Entre amores e perdas, vai caminhar,  
Mas o que fica, ninguém pode tirar.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Partidas e lembranças.
- **Perguntas:**
  1. Por que Ardoca sente a necessidade de partir?
  2. O que ele abandona?
- **Atividade:** Pesquise em sua comunidade ou família histórias de pessoas que precisaram partir em busca de novas oportunidades. Escreva um breve relato sobre como essa partida impactou quem ficou, analisando os sentimentos e mudanças provocadas pela ausência.

## 2.14 Conto: A Gente Combinamos de Não Morrer

### Cordel:

“Combinamos de viver, mesmo na dor,  
Em meio à bala, ao medo e ao suor.  
Mas a vida, cruel, nos faz duvidar,  
Enquanto lutamos, tentando não tombar.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Resistência coletiva.

- **Perguntas:**

1. Qual o papel da coletividade na resistência das personagens?
2. O que significa o pacto de não morrer?

- **Atividade:** Discuta como a união entre pessoas e a luta coletiva pode ajudar a superar dificuldades.

## 2.15 Conto: Ayoluwa, a Alegria do Nosso Povo

### Cordel:

“Ayoluwa nasceu com o brilho da luz,  
Sua alegria ao povo seduz.  
Entre dores, a esperança surgiu,  
E com ela, o povo também riu.”

### Ficha de Atividade:

- **Tema:** Esperança e renovação.
- **Perguntas:**
  1. O que Ayoluwa representa para o povo do conto?
  2. Como o nascimento dela transforma os personagens?
- **Atividade:** Escreva sobre como o conto nos faz pensar sobre o futuro da humanidade.

### 3 Reforçando o pacto: “a gente combinamos de não morrer”

No conto *A gente combinamos de não morrer*, de *Olhos d'Água*, Conceição Evaristo tece uma narrativa sobre resistência, vida e morte. A história revela jovens que, em meio à violência cotidiana, fizeram um pacto simbólico para sobreviver às adversidades. O juramento *a gente combinamos de não morrer* se torna um grito de esperança, mas também de tragédia, à medida que o peso da realidade muitas vezes transforma esse pacto em um desafio intransponível.

Dorvi, personagem central no conto, carrega consigo a dor e a culpa de um destino já traçado. Em um ambiente marcado pela miséria e pela violência, a vida se confunde com o lixo, e a morte é uma presença constante: “A vida é capim, mato, lixo, é pele e cabelo” (Evaristo, 2014, p.108). Nesse cenário, o pacto de não morrer é uma resistência à opressão e ao apagamento, mas também uma tentativa de manter a dignidade em meio à destruição.

O pacto de vida de Dorvi e seus amigos, no entanto, é constantemente ameaçado. A narrativa fragmentada, com múltiplos narradores, retrata a precariedade não só da vida, mas também da narrativa em si, que implodirá junto com os destinos dos personagens. Apesar disso, o conto sugere que a resistência não é apenas física; é emocional e espiritual, uma batalha travada diariamente. Conceição Evaristo nos lembra que “a morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos” (Evaristo, 2014, p.107), mas a luta pela vida se torna um ato

contínuo de sobrevivência.

Este conto reflete a força transformadora do pacto coletivo e é por isso a nossa escolha para encerrar esse livro. Nos contos de *Olhos d’Água*, o pacto não é apenas entre os personagens, mas também entre as gerações de mulheres e homens que, ao longo do tempo, resistiram e criaram suas próprias formas de existir. No pacto de não morrer, ressoa a luta por uma vida digna, mesmo em face das injustiças.

Assim como as personagens de Evaristo, nós também reforçamos o pacto de continuar, de transformar e de resistir. No primeiro capítulo de nosso livro, “Escrevivências a partir de *Olhos D’Água*”, abordamos o olhar íntimo que cada autora traz para a obra, refletindo sobre suas próprias experiências de vida. Aqui, o pacto de não morrer se torna um chamado à ação, um lembrete de que nossas histórias são interligadas. O nosso olhar para *Olhos D’Água* revela como a literatura pode servir de espelho e de luz, oferecendo visibilidade a vozes que muitas vezes permanecem à margem.

“Com *Olhos D’Água*, olho para mim”, cada autora bolsista trouxe suas vivências, revelando a intersecção entre a leitura e a autoanálise. Aqui, a ideia do pacto é reforçada, pois, ao olhar para si, cada uma delas fortalece a conexão com as lutas coletivas. A leitura se transforma em um ato de resistência, uma forma de reivindicar espaço e dignidade, não apenas para si, mas para todas as mulheres cujas vozes foram silenciadas; sendo esse, para os autores desse livro, o sentido mais visceral da escrevivência.

No capítulo “Dos Contos aos Cordéis”, a adaptação dos contos em cordéis não só traz uma nova forma de arte, mas também reforça a oralidade e a tradição cultural de resistência, celebrando a força das narrativas populares. Este processo

de transformação nos ensina que, ao contar nossas histórias, reafirmamos nosso compromisso de não deixar que a dor e a luta sejam em vão. Cada cordel se torna um símbolo de resiliência, uma afirmação de que ainda estamos aqui, lutando e contando nossas verdades.

Ao longo deste livro, fomos guiados pela certeza de que nossas histórias importam e que, mesmo diante das dificuldades, estamos juntos nesse pacto de vida. A obra de Conceição Evaristo, assim como nossos relatos, se torna um testemunho de que, enquanto houver resistência, haverá vida. Este livro reafirma nosso compromisso coletivo de não nos deixarmos abater pelas adversidades, mas de usar nossas experiências como instrumentos de transformação. Reforçando o pacto de que, a cada dia, a vida é uma luta, mas também uma oportunidade de criar caminhos e novas narrativas, sobretudo com/para os sujeitos da EJA.



## Referências

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Belo Horizonte: Editora Pequena Zahar, 2014.



# Apêndices

## **Carta à Conceição Evaristo, nas palavras de Ruth Baracho**

Olá, Conceição Evaristo. Tudo bem? Meu nome é Ruth Baracho, estudante da EJA do IFRJ *campus* Duque de Caxias (IFRJ CDuC) e sua fã.

Conheci seu trabalho através dos livros, tenho me encantado com suas escritas as quais me identifico e tenho feito interpretações de seus textos. Não estou sozinha, faço parte de uma família que te ama aqui no IFRJ CDuC, Sarapuí.

Nós acompanhamos seu sucesso e estivemos no Museu do Amanhã onde a vimos pessoalmente. Que arrepio! Quanta emoção sentimos! Estávamos em caravana e fomos aplaudir e admirá-la.

Desenvolvemos um trabalho onde os alunos participam da leitura de seus livros e cada um faz interpretações dos seus textos. É lindo ver as lágrimas descerem dos rostos desses brilhantes doutores do saber em se debruçarem em seus contos e poesias.

Meu orientador e professor Eduardo Braga fica com olhos marejados e há momentos em que as lágrimas desabam... quanta empolgação e entusiasmo ele sente ao ler você. Sua leitura nos transmite todo esse calor. Minha orientadora e professora Fernanda Gouveia que, inclusive foi aluna sua e não economiza elogios a sua pessoa, chora que só! Como te ama e admira. Marluce, minha amiga de classe, a senhora precisa ver, um diamante sendo lapidado, ela nos presenteia com umas

revoluções no texto que nos dá aquele gostinho de quero mais.

O primeiro impacto que me veio na leitura de seus livros foi o entendimento de sentir que as letras saltam ao seu encontro como uma simbiose. As letras parecem vivas e te procuram como uma mágica, nessa leitura tão rica e de uma profundidade tão singular da vida de nossa gente. Uma leitura que traz lembrança de nossos ancestrais com as escrevivências de nossos atuais, e a pergunta: será que mudamos? Que venha a justiça social tão sonhada.

Acompanhamos nas reportagens a sua iniciativa em construir uma casa-abrigo para itinerantes, que ousada, corajosa e surpreendente atitude. Já estamos nos organizando para te visitar nessa Casa da Escrevivência. Assim, te sinto: Como quem dá colo.

Que venham outras Conceição Evaristo nos assentando a mesa como igual. Tens sido inspiração para muitos. Admiramos sua força e boa vontade para com o outro, estimulando-o a prosseguir. Amei a leitura que fiz do seu livro, quando fala da dor no seio da personagem, inclusive, a senhora deu entrevista falando a respeito... e como essa leitura mexeu comigo. A sensibilidade da escritora que respeita a personagem, dando-lhe autonomia, como se a personagem lhe pedisse um tempo para enxugar as lágrimas e a escritora se propõe a voltar ao tema em um outro momento sentindo a mesma dor.

Existe tanta veracidade em suas personagens, que dói na gente e eu as sinto vivas! Amo interpretar seus textos, que venham mais livros para nos inspirar, nos emocionar e aprimorar nossos conhecimentos. Muito obrigada, Evaristo. Te sinto aqui e espero que estas palavras encontrem abrigo em seu colo tão fraterno e amoroso.

## Carta à Conceição Evaristo, nas palavras de Thamires Serpa

Querida Conceição Evaristo e leitores,

Venho, por meio desta carta, expressar minha gratidão por ter o privilégio de conhecer suas narrativas, que vão além de simples reflexões – são verdadeiras inspirações para novas escritas. Através delas, eu me encontrei. Um projeto belíssimo, que leva praticamente o seu nome, tem sido construído com base em sua obra. Em cada narrativa, tornou-se impossível não citar suas histórias, justamente porque nos inspiramos em cada leitura e nos sentimos mais livres para pensar, revisitar o passado e reconhecer as batalhas e conquistas que, de outra forma, talvez passassem despercebidas ou fossem esquecidas.

A cada leitura, uma lembrança emergia. Em um parágrafo, uma semelhança me transportava ao passado, fazendo-me recordar daqueles que já se foram, dos que permanecem... Entre sorrisos e lágrimas, fui me lembrando e me reconhecendo em cada história contada. Da Venga, Maria, Zaita, Di Lixão são algumas das representações que utilizamos em nosso livro para falar um pouco de nossas próprias histórias.

No passado, eu me via sem perspectivas e com poucos sonhos para o futuro. Achava que minhas histórias não tinham grande valor, embora fossem as minhas vivências. Foi em *Olhos d’Água* que encontrei meu espaço. Há exatos cinco anos, quando me perguntaram: “Onde você se vê daqui a cinco anos?”, eu não soube responder. Essa é uma pergunta que muitos jovens escutam, e a maioria se engasga ao responder, por não saber o que quer ser ou onde deseja chegar no futuro, já que esse futuro é incerto. Naquele momento, eu jamais imaginava que um dia estaria cursando uma licenciatura, conhecendo pessoas que

me apresentariam uma mulher negra tão forte, que enfrentou o racismo e, no pódio, não ocultou suas raízes. Uma mulher que, com orgulho, usa seu turbante e veste as cores que nos remetem à nossa própria identidade. Você nos mostrou que nem só de choro vivemos e que podemos expressar o que sentimos ao encontrar alguém que se identifica conosco, inspirando-nos a escrever nossa própria história.

Hoje, posso dizer com confiança que estou exatamente onde queria estar. A luta tem sido intensa, mas sei que posso encontrar forças em outras mulheres negras, que lutam pelo mesmo propósito: a liberdade. Na fala, na escrita, no lugar e no pertencer, sem disputa, com uma rede de apoio. Juntas, podemos chegar lá.

Mais uma vez, quero agradecer à EJA-EPT e ao IFRJ por me proporcionarem conhecer amigas incríveis como Ruth e Marluce, que compartilharam comigo suas vivências. Agradeço também aos meus coordenadores, Dra. Fernanda Gouveia e Dr. Eduardo Braga, por todo o apoio e ensinamentos.

E, por fim, obrigada, Conceição, por nos inspirar e nos ensinar. Assinado: Uma aluna muito grata e admiradora, Thamires. Aqui me encontrei!

## Carta à EJA-EPT, nas palavras de Marluce dos Santos

Voltar à escola, no início, foi uma experiência cheia de incertezas. Tudo era novo e assustador. Cada professor se tornou uma peça do meu quebra-cabeça, e através da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica (EJA-EPT), minha transformação começou. Ganhei confiança para tomar decisões. A EJA-EPT é uma força transformadora que toca a todos que fazem parte dela. Sinto-me uma mulher mais forte.

Como poderíamos viver sem a EJA-EPT? Na EJA-EPT, encontramos um acolhimento diferenciado que nem sempre encontramos em nossas próprias famílias. O diálogo e o apoio aqui são incomparáveis.

Atualmente, estou envolvida no projeto Escrevivência, onde leio, interpreto e aprendo como sou capaz de conduzir rodas de discussão com inspiração em Conceição Evaristo. Este projeto incentiva as pessoas a ver, ouvir, ler e estudar.

EJA-EPT, você é minha companheira e sou muito grata por sua existência. Você não me abandonou.

Agradeço profundamente à EJA-EPT, ao IFRJ, especialmente à Dra. Fernanda Gouveia e ao Dr. Eduardo Braga, por tudo.



## Sobre os autores

**Eduardo Braga:** Homem preto, periférico. Filho de mãe nordestina e pai fluminense. Morador da Baixada Fluminense/RJ. Professor da Educação Básica, com destaque para as ações de ensino, pesquisa e extensão para a modalidade EJA, e do Ensino Superior do Instituto Federal do Rio de Janeiro, *campi* Duque de Caxias e Nilópolis. Mestre em Matemática (UFRJ) e Doutor em Ensino de Ciências (IFRJ).

**Fernanda Paixão:** Mulher preta, periférica. Filha de nordestinos. Moradora da Baixada Fluminense/RJ. Professora da Educação Básica e Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal do Rio de Janeiro, *campus* Duque de Caxias. Pesquisadora do campo de estudos da EJA. Mestre em Educação (UFRRJ) e Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ).

**Marluce dos Santos:** Mulher preta, periférica, voz comunitária. Filha de mãe nordestina. Moradora da Baixada Fluminense/RJ. Estudante do Curso de Ensino Médio Integrado na modalidade EJA do Instituto Federal do Rio de Janeiro, *campus* Duque de Caxias. Bolsista e Pesquisadora Júnior deste Projeto.

**Ruth Baracho:** Mulher preta, periférica, poetisa. Filha de pais nordestinos. Moradora da Baixada Fluminense/RJ. Estudante do Curso de Ensino Médio Integrado na modalidade EJA do Instituto Federal do Rio de Janeiro, *campus* Duque de Caxias. Bolsista e Pesquisadora Júnior deste Projeto.

**Thamires Serpa:** Mulher preta, periférica, sonhadora. Filha de pais cariocas. Moradora da Baixada Fluminense/RJ. Estudante do Curso de Licenciatura em Química no Instituto Federal do Rio de Janeiro, *campus* Nilópolis. Bolsista e Pesquisadora Júnior deste Projeto.

Nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde as histórias se entrelaçam com a busca por conhecimento e emancipação, emerge o terceiro livro da coleção “Escrevivências na EJA” – “Em ‘Olhos D’água’, Vejo-me: Inspirações”. Este não é apenas um livro, é um mergulho na obra de Conceição Evaristo, notadamente no livro “Olhos D’água”. Mais do que uma análise literária, este projeto visa a vivência, a experiência e o diálogo com as narrativas que ecoam na vida das estudantes bolsistas da EJA.

Assim, neste livro encontramos não só um espelho para as trajetórias e lutas das autoras, mas também um espaço de diálogo e gratidão, reafirmando o compromisso com as histórias que se entrelaçam e resistem. “Em ‘Olhos D’água’, Vejo-me: Inspirações” é, portanto, uma celebração da diversidade, uma jornada de autodescoberta e uma promessa de preservar e valorizar as vozes que ecoam nas páginas deste livro e além. É um convite para a comunidade da EJA se (re)conhecer, se (re)afirmar e se inspirar na riqueza das narrativas que permeiam este projeto.

